

ALQUIMIA DA IMAGEM: FOTOGRAFIA E CINEMA

A VIAGEM

O tema da investigação é o espaço, as várias dimensões do espaço representado. A observação sobre os elementos da representação (desenho) e como o espaço acontece num determinado 'espaço' de representação fílmico (o tempo). As representações do espaço – desenhadas pelo cinema¹. Estabelece-se um campo de observação e parâmetros de análise, parece simples, mas nem sempre foi assim.

Começa-se sempre por algo, alguma intuição (o óptico e pictórico equivalem-se, estando ligados a modelos de representação mais do que à natureza das imagens), a práticas de trabalho (a lógica das imagens encontra-se no interior das imagens desenhadas, fotografadas e filmadas), e um genuíno gosto pelas propostas apresentadas pelos mapas – as viagens.

A investigação, como a vida, acontece numa profundidade multidimensional, multissensorial, multirepresentacional. Assim sendo não há caminhos separados, compartimentados, entre vida, aulas, filhos, dia a dia e a investigação, tudo se cruza e confunde. O caminho mais curto nunca é uma linha recta. O caminho que se percorre entre o ponto A e o ponto B não é o mesmo se formos de comboio ou a pé, diz-nos o Sr. Valery de Gonçalo M Tavares². O sítio que chegamos em 10 minutos não pode ser igual aquele que demoramos 2h ou 4 anos mesmo que geograficamente idêntico. A investigação que fazemos raramente é uma viagem inteiramente programada, é 'navegação à vista', uma proposta de viagem com um determinado destino, tentando segurar a linha de costa e os índices atmosféricos da mesma. É o caminho que é determinante. Há um ponto A e um ponto B, mas o que se traça entre ambos estabelece toda a validade e individualidade da investigação. Diz-nos outro escritor 'o caminho faz-se caminhando'³, aproveitando o caminho, o tempo o ritmo, os encontros e os erros. A velocidade quase nunca é de cruzeiro, constante... há travagens, paragens e desvios, mas nunca se deixa de prosseguir. Essa contaminação é importante, criativa e tão relevante como a parte laboratorial e sistemática da mesma. É esse percurso, esse constante cruzar entre o intuitivo e o saber próprio da vida, que enriquece e dá por vezes as soluções, impõe limites criando ligações entre as diferentes matérias. As respostas e a investigação estão inscritas e tornam-se relevantes nesse alicerçar referencial da vida.

As ideias de espaço (e as suas representações) trazem propostas de revolução, de posicionamento como centro do mundo ou como ponto no universo. Revolução, mudança e movimento incorporam a ideia que tenho de desenho, de imagem, de movimento e de cinema, a experiência do espaço e a sua necessária tradução em imagens (em mapas). Uma ideia de desenho e de cinema que condensa experiência, imagens e espaço, abrangente, multidimensional e como diz Deleuze e Guattari, rizomático!

As representações visuais (embora lidas através dos contextos próprios à sua leitura) têm uma leitura universalista. Um círculo é sempre algo fechado em si, uma linha aponta e estabelece direções, um ponto no espaço – na folha ecrã – cria desde logo uma relação espacial. Como se passa de um ponto a estrelas, ou a outro tipo de ligação com o real e o representado? A impossibilidade de chegar à totalidade das matérias do ‘sentir’⁴ da experiência de espaço-tempo objectivamente. Na arte, nas representações artísticas a índole sensível está efectivamente presente, é sua matéria primordial, constituindo-se como terreno em que esse ‘sentir’, essa experiência de espaço se concretiza.

O começo surge igualmente como uma proposta de espaço – a folha branca. Pode estabelecer os parâmetros para o início, porém na investigação os ‘esquissos’ raramente levam ao desenho final. O desconhecido é um enorme local a explorar. No início o tempo é prazeroso e parece extenso. Todos os livros são interessantíssimos, todos os filmes têm a ver com o que estamos à procura. Como se a procura gerasse mais e mais, sem ordem ou estratificação. E a totalidade da abrangência dos mesmos também. É este o problema de uma colecionadora voraz de imagens e ideias. O deslumbramento é um estado em que se pode permanecer permanentemente. Esta demanda, que terminará na tese, necessita limites e modos para que a mesma não seja apenas acumulação, para que se transforme em matéria pensante.

A rota a ser traçada é feita através do ‘índice’ que estrutura essa proposta tentando dar coerência, criando a ideia de todo. No final acabaram por ser vários índices, substituindo-se e adaptando-se ao desenvolvimento da escrita, sempre com a ideia de estruturar e sumarizar as ideias chaves – os locais de encontro. Cria-se um sistema: fichas de leitura, fichas dentro das fichas, priorização por temas, organização por cores. Há a necessidade de uma lógica visual (ver no espaço) e de arquivo, é assim que o sentido ocorre, que o desenho aparece. Da manta de retalhos das anotações começou-se a escrever, a ‘tecer’ uma lógica possível que torna visível as ligações. Como a infundável tapeçaria de Penélope, tece-se e desfaz-se para voltar a começar logo de seguida. Os índices são a tentativa de nos vestirmos adequadamente para o propósito. E como o fazer sem sabermos o que vamos encontrar no destino? Os incontáveis ‘começos’, são o reforçar do caminho.

Volta-se ao começo quando parte do caminho está já traçado, quando o ‘meio’ surge através da escrita.

O medo do desconhecido, da escrita é uma constante. Se o texto faz jús ao que se quer? Se está fundamentado? Se é pertinente? É o ‘cabo das tormentas’ que é necessário ultrapassar para que se torne da boa esperança. A escrita não é um processo contínuo e escorrito. Escrevem-se três teses para se chegar á tese final, e essa só é final porque é necessário por um ponto final ao processo. É necessário limpar o essencial do acessório e muitas das vezes o acessório é difícil deixar cair pois tem ligações, tempo despendido, pesquisa feita, exemplos que criam lastro mas impedem que a ideia primordial ressalte. Muitas vezes é necessário distanciarmo-nos, quando estamos demasiadamente embrenhados nas estradas secundárias, para que a visão topográfica surja e os caminhos primordiais assomem.

A viagem, é a maior parte do tempo solitária, demasiado específica para ser partilhada, ainda insipiente para ser testada com leitores não preparados. A companhia do orientador é um GPS importante, mas raramente é um interlocutor constante embrenhado que está na academia, resta-nos insistir e continuar. É ‘navegação à vista’ em mares muito agitados (mil sinapses por minuto) nos quais já não sabemos bem qual é o norte o sul o este e o oeste. Quando por fim a tempestade acalma e há uma linha (unificadora) que nos permite chegar ao fim.

Nesta jornada a chegada é apenas o momento em que fechamos em que estabelecemos a chegada e concluímos o percurso. Não somos os mesmos, o caminho transformou-nos e a chegada é apenas um novo ponto de partida. Novos caminhos nos surgem, como as cerejas e as conversas, a seguir a uma, vem outra e mais outra e ela é sempre só uma - a nossa viagem.

¹ O título da tese de doutoramento ‘*O desenho como construtor do espaço no cinema de animação*’ – 2016 – Universidade Politécnica de Valência – Departamento de Desenho.

² Tavares M G. (2002) *Sr Valéry*. Lisboa: Caminho.

³ “Se hace camino al andar” – Antonio Machado. “Proverbios y cantares” do livro “Campos de Castilla”.

⁴ Perniola, M (1993). *Do sentir*. Lisboa: Presença.

ISABEL ALBOIM INGLEZ – Cineasta portuguesa, doutorada em Cinema/Desenho pela Universidade Politécnica de Valência e licenciada pela escola superior de teatro e cinema ESTC (Bacharelato Imagem/Lic.Realização). Tem na imagem (desenho, luz, desenho de luz, fotografia, cinematografia)

a sua formação e a sua actividade, seja ela académica ou de criação, desenvolvendo – à data – trabalho nas áreas da ilustração, animação, direcção de fotografia, câmara, iluminação para teatro e realização. É professora nas áreas de fotografia/IAudiovisual/ Projecto na ESAD.CR desde 2005.